

Promiscuidade inadmissível

Darcy Bessone

NINGUÉM ignora que, se o socialismo tem um sistema próprio, o capitalismo também o tem. A mesclagem empírica dos dois sistemas somente pode gerar distúrbios e, até mesmo, o caos. No primeiro caso, o do sistema socialista, a direção esatda da economia, desde Lenin e principalmente a partir de Stalin, pressupôs o plano ou o planejamento, sem o qual o intervencionismo seria desordenado e sem projeto. O sistema capitalista, diversamente, funda-se na livre iniciativa e nas leis do mercado. Mesmo que não se queira invocar a famosa **mão invisível** imaginada por Adam Smith e que se admitam intervenções estatais mitigadoras, estas têm de ser atentas à delicadeza do mercado. Terão de fazer-se com sabedoria e tato, pois, de outro modo, poderão gerar efeitos irreversíveis a curto, a médio ou a longo prazo.

De outra parte, se o combate à inflação pode realizar-se por forma gradualística ou mediante o chamado **tratamento de choque**, este último é sempre evitado pela grave desorganização da economia que pode produzir ou produz. Como quer que seja, todavia, o que é imprescindível, em primeira linha, é identificar as causas da inflação, não é reprimir artificialmente os seus efeitos. Tornou-se lugar comum a observação de que, no caso brasileiro, a principal causa da inflação é a despesa pública, território que permanece tão virgem quanto as mais autênticas donzelas.

Estas idéias extemei aos meus costumeiros convivas, a partir da leitura do chamado Plano de Estabilização. Nos idos de março, desenvolvi, em conversas, algumas análises em torno principalmente dos seguintes pontos: a)- desperdícios de consumo pela impressão dos estímulos à poupança, única fonte de formação de estoques de capital sem os quais se inviabiliza a estrutura capitalista; b)- retração do setor produtivo em decorrência da fixação de preços estranha às leis do mercado e sem consideração pelos custos, a partir das

fontes de produção; c)- escassez de mercadorias e consequente mercado negro; d)- pressões sindicais e greves incontrolláveis; e)- desorganização econômica. A euforia era, no princípio, tão grande que não haveria audiência para tais arengas.

Os fatos aí estão agora, visíveis até por olhos de pouca argúcia.

Mas o pior é que o plano inclinado não deixa vagar para ver-se que o processo erosivo tende a aprofundar-se sempre mais. Autoridades importantes não se dão conta das simplórias colocações que passam a emitir. Na operação pega-boi, julgam que o pecuarista, em face de desapropriação com imissão de posse, comete crime, como o de fraude na entrega, ou que se torna sonegador se não mobiliza os seus vaqueiros para incorporar-se ao aparato que o oprime! Não percebem que a imissão de posse é ato judicial, não é ato de entrega de coisa voluntariamente vendida, não cabendo, por isso mesmo, qualquer aplicação de pena a quem nada vendeu e nenhuma obrigação tem de entregar. Fala-se em sonegação sem que haja norma legal obrigando o proprietário a vender!

Outro ponto melindroso é o do chamado consumismo. A era industrial o pressupõe, pois a redução de consumo leva à redução da produção e, conseqüentemente, ao desemprego. Por outro lado, se os cruzados pretendem que ele decorreu do aumento do poder de compra do assalariado, pode-se ter outra óptica de fenômeno consumista, ligando-o à supressão dos estímulos à poupança. Sem que estes sejam realmente restaurados, a retórica oficial pouco alcançará nesse terreno.

Para não alongar mais, sugiro que se opte entre o capitalismo e o socialismo, mas, qualquer que seja a opção, que se evite a promiscuidade de sistemas que exigem respeito aos princípios essenciais que os informam